

## ECOS COLONIAIS EM *WILD CAT FALLING*

Beatriz MARUCCI (UFMT)<sup>1</sup>

**Resumo:** O atual cenário da literatura pós-colonial é extremamente diversificado, neste panorama mundial, o escritor aborígene australiano Mudrooro Nyoongah nos contempla com *Wild Cat Falling* (1965), um romance escrito nos moldes autobiográficos, em que pela primeira vez na literatura australiana a minoria aborígene é representada no papel de protagonista. Este trabalho se propõe a analisar como Mudrooro apresenta a relação entre aborígenes e brancos na Austrália atual como um eco da antiga situação colonial, no sentido de que a cultura é “uma fonte de identidade”, suscitando “recentes retornos a ela e à tradição” (SAID, 2011, p. 12).

**Palavras-chave:** literatura pós-colonial, literatura australiana, Mudrooro

### Introdução

A invasão imperial inglesa na Austrália a partir de 1788 provocou, dentre inúmeros fatores, a separação do país em dois grupos distintos, posicionando, de um lado, a cultura dos colonos brancos, que se ostentava como superior e dominante, e do outro, a cultura nativa dos grupos indígenas que já habitavam o país. Desde o início da colonização, esse choque de culturas se baseou na concepção de que o grupo aborígene era uma minoria social e intelectualmente inferior aos brancos europeus. Essas suposições justificaram a ocupação da terra aborígene e as agressões físicas e intelectuais de seus membros por parte dos invasores ingleses.

Os colonizadores moldaram as diretrizes das suas colônias também através de narrativas e discursos, trazendo, nas entrelinhas de seus textos, a suposição de que os valores de sua cultura eram superiores ou mesmo universais. Segundo Matthew Arnold (SAID, 2011, p. 11), a cultura não seria o conjunto de todas as manifestações de um povo, mas um instrumento de refinamento para a elevação de uma determinada parcela da sociedade. Trata-se de uma visão elitista a respeito da cultura, entendendo-a apenas como a parte mais sofisticada ou erudita da arte ou pensamento produzidos por um povo. Era de uma forma semelhante que os colonizadores viam sua própria cultura, como uma realização superior que

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do grupo de pesquisa LAALID – Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora, coordenado pela Profª. Dra. Divanize Carbonieri. Email: bia.marucci@gmail.com

deveria ser imposta aos colonizados como uma forma de elevá-los, de retirá-los do estado de primitivismo e selvageria em que supostamente viviam.

Na Austrália, a imposição cultural não foi diferente dos outros territórios conquistados, mas ao contrário dos povos colonizados no continente africano, por exemplo, onde, desde o início, houve resistência e até mesmo lutas sangrentas para o rompimento do poder imperial, em solo australiano, esse confronto demorou a ocorrer.

O nativo aborígene parece ter permanecido silenciado até a década de 1950, quando Oodgeroo Noonuccal, uma mulher mestiça (de pai aborígene e mãe branca) e de origem pobre, escreveu poemas de cunho realista, retratando a difícil situação de seu povo. Entretanto, ela era apenas uma voz que se erguia em meio a enorme massa de iletrados aborígenes. Ainda que os aborígenes possuíssem uma tradição ancestral de narrativas orais, esse arsenal era ignorado pela elite intelectual australiana, composta por escritores, artistas e pensadores brancos, com uma ênfase característica na produção escrita. Apenas em 1965 a minoria aborígene australiana passou a ser retratada em um romance, com a obra *Wild Cat Falling* do escritor aborígene Mudrooroo Nyoongah (Colin Johnson), que é o objeto de estudo deste trabalho. Até então a linguagem lírica de Oodgeroo Noonuccal não havia sido forte o suficiente para abalar o silenciamento imposto aos aborígenes.

Contudo, no início de 1996, a aboriginalidade de Mudrooroo foi contestada pela própria comunidade Nyoongah. Sua irmã, Betty Polglaze, realizou uma pesquisa sobre a família e mapeou cinco gerações anteriores. Nessa pesquisa, ela descobriu que seus ascendentes vieram da Irlanda e que seu avô paterno era afro-americano. O escândalo resultou em debates públicos sobre a autenticidade da identidade aborígene de Mudrooroo e seus livros tiveram a credibilidade abalada. Inicialmente ao comentar sobre o caso, o autor apenas sugeriu que sua mãe biológica podia não ser a do registro de nascimento. Foi então solicitado pela família a fazer um teste de DNA, ao qual se recusou a se submeter e manteve-se em silêncio sobre o assunto. Em 1997, Mudrooroo pronuncia-se para o editor Gerhard Fischer sobre o caso, em nota o autor escreveu que a sua pele escura indicava que ele sempre havia sido tratado como um aborígene na sociedade australiana e que, portanto, a sua experiência de vida era a de um aborígene, encerrando, assim, o assunto. Esse episódio reforça a ideia de que a identidade é vivenciada como um processo subjetivo que não pode ser jamais reduzido a fatores simplesmente biológicos.

**Herança colonial e seus efeitos em Gato Selvagem – *Wild Cat***

Inicialmente, na Austrália, bem como em qualquer colônia de povoamento ou *settler colony*, a literatura era produzida por pessoas ligadas ao império e para o império, sendo clara a representação literária da cultura europeia como elevada e civilizada em contraposição ao retrato de um nativo primitivo e selvagem. Dessa forma, era uma literatura produzida na Austrália, mas ainda em cumplicidade com as realizações metropolitanas imperiais. Essa literatura possuía como principal objetivo a imposição de seus valores e ideais, destacando sempre a superioridade da cultura europeia e o potencial de exploração das terras conquistadas. O aborígine, assim, era retratado, nessas primeiras obras, como alguém humana e culturalmente inferior, uma criatura sem voz e sem poder de ação. Dessa forma,

esses textos nunca podem formar a base para uma cultura indígena nem podem ser integrados de forma alguma à cultura que já existe em países invadidos. Apesar de seu relato detalhado da paisagem, costumes e linguagem, eles privilegiam inevitavelmente o centro, enfatizando o 'lar' sobre o 'nativo', o 'metropolitano' sobre o 'provinciano' ou 'colonial', e assim por diante (ASCHROFT, GRIFFITH, TIFFIN, 1989, p. 5, tradução nossa).

Com o processo de independência de inúmeras colônias ao redor do mundo, os habitantes locais viram o potencial da escrita para a formação de novas nações independentes. A escrita passou, então, a ser utilizada como arma de resistência frente aos discursos colonialistas, tendo como papel principal o de enfraquecê-los e exterminá-los. Utilizando-se dos artifícios intelectuais ou da força física, o nativo procurou tomar o seu lugar de direito como sujeito ativo de sua sociedade. A literatura pós-colonial não se apresenta apenas como o conjunto de escritos publicados após o período do império, mas também e principalmente como um corpo de textos que analisa criticamente como foi essa relação colonial entre metrópoles e colônias e quais as heranças deixadas por ela na sociedade atual.

Diferentemente de outras nações uma vez colonizadas, a Austrália não se tornou uma república com a independência em 1901, mas uma monarquia constitucional parlamentar, cujo soberano ainda era o mesmo monarca do Reino Unido – na atualidade, a Rainha Elizabeth II. Ainda assim, o romance *Wild Cat Falling* de Mudrooroo Nyoongah pode ser considerado um exemplo de obra pós-colonial, pois surge num contexto em que um grande contingente populacional é oprimido pela sociedade hegemônica com base em alegações de uma suposta inferioridade cultural e étnica.

O romance se inicia com o jovem Gato Selvagem saindo do reformatório para jovens delinquentes:

Today the end the Gates Will swing to eject me, alone and so-called free. Another debt paid to society and I never owed it a thing. Going outside into the fake heaven I have dreamed of these last eighteen months. Lifetime lousy months. Lifetime boredom of sameness. Same people, same talk, sick sameness of dirty jokes. Same sick sagas of jobs pulled and new jobs planned. Heroic memories. Swell hopes (MUDROOROO, 1965, p. 3).

Logo no primeiro parágrafo, podemos observar as angústias e frustrações da personagem, através da narrativa em primeira pessoa, e a sua grande esperança no futuro, na utilização do adjetivo *swell*, “inchadas”, em relação a esperanças. No entanto, como *swell*, na sua forma substantiva, também pode significar “onda” ou “ondulação”, essa sua expectativa parece ser um tanto instável, pois é sabido que as ondas fazem um movimento de ir e vir junto à costa. É dessa forma que a personagem parece entender a sua experiência, já que não é a sua primeira vez no reformatório, e ele parece pressentir que não será a última, como se pode perceber no parágrafo seguinte:

For me Fremantle jail has been a refuge of a sort. They have accepted me here as I have accepted hopelessness and futility. The others still have their hopes. Some even make resolutions – but they will fail and fall. Out a few weeks or day, then back a few years in jail sweet jail (MUDROOROO, 1965, p. 3 e 4).

A narrativa não apresenta uma linearidade e as experiências de Gato Selvagem são apresentadas ao leitor no presente e ao mesmo tempo no passado em forma de *flashbacks*. As situações vividas por ele e as suas causas são narradas de maneira fragmentada e apenas compreendidas nos momentos finais do romance. Ao se deparar com um jovem na faixa dos 19 anos totalmente desiludido da vida e que vê a prisão como única saída para obter uma alimentação adequada e uma cama todas as noites, o leitor se indaga sobre a passividade e o comodismo da personagem, podendo mesmo chegar a considerá-lo um perdedor ou um covarde. Podemos, assim, fazer um paralelo entre a passividade, comodismo e frustração de Gato Selvagem frente ao futuro no início do romance e a mesma passividade vivida pelos grupos aborígenes no início da colonização britânica. Assim como Gato Selvagem, os aborígenes se viam como incapazes de mudar a situação de submissão que lhes fora imposta de maneira tão brutal e incisiva, chegando, no primeiro momento, a acreditar na superioridade branca europeia, sem perceber outras alternativas:

After solitary the prison accepted me as I had never been accepted outside, I belonged (MUDROOROO, 1965, p. 15).

Da mesma forma como os grupos aborígenes foram levados a acreditar na superioridade europeia e que deveriam ficar às margens da sociedade australiana, Gato Selvagem só se vê aceito nessa margem.

Ao vagar pela praia após sua saída do reformatório, Gato Selvagem encontra uma moça branca, June, deitada na areia, lendo um livro. Os dois logo iniciam um diálogo. Nessa conversa, há o confronto entre as culturas branca e aborígene, e o leitor pode perceber o verdadeiro abismo que existe entre elas. Inicialmente, June responde educadamente sem tirar os olhos do livro ao “olá” de Gato Selvagem. A conversa é mantida por ela monossilabicamente fria enquanto que o rapaz procura encontrar assuntos para continuar interagindo. Mas a moça, mesmo assim, decide ir embora, e o rapaz diz:

So now you'll be able to run home and tell them you've met a real jailbird (MUDROOROO, 1965, p. 39).

June retorna ao seu lugar na areia e iniciam uma nova conversa. O diálogo, que antes era de indiferença, passa agora a ser uma série de interrogações por parte dela. June procura saber como é a rotina na prisão, o que eles fazem lá dentro, quanto tempo Gato Selvagem ficou recluso e o motivo.

“Aw... eat, sleep, swap dirty yarns, read paperbacks, cut pictures of naked women out of magazines. They're supposed to arouse desire.” [...] “I had to sweep out the library and used to smuggle books out of there. Real highbrow stuff classics, psychology. And semi religious books for intellectual sterilization. They had the best stuff under key in the staff section but I managed to pick the lock. Got a bloke to smuggle me in a little kerosene lamp and rigged my blankets so the screw couldn't see the light. Read nearly all night.” (MUDROOROO, 1965, p. 39).

Ao ouvir sobre a rotina de Gato Selvagem, June surpreende-se com o fato de que ele lê livros clássicos, de psicologia e humanidades, tem um certo grau de instrução e é capaz de manter um diálogo com ela, uma estudante de psicologia de uma das melhores universidades da região.

Nessa cena, ao colocar em confronto dois jovens descendentes das culturas branca e aborígene, o autor deixa claro ao leitor que a concepção imperial da superioridade europeia instalou-se na Austrália e que esses valores de supremacia foram transmitidos para as

gerações seguintes. Ao fazer com que June constate que o rapaz descendente de aborígene não possuía a imagem que ela tinha como preestabelecida, Mudrooroo coloca em cheque todas as crenças em relação à superioridade branca australiana e coloca em igual patamar June e Gato Selvagem, mesmo que as suas vivências tenham sido completamente distintas até aquele momento.

June, então, faz uma pergunta que parece ser recorrente em situações de jovens infratores:

“So you’ve never tried to get a job?”

“Sure I did, but I wasn’t in the race. Who wants a shiftless native when he can get a big up and coming Dago to work for him? After a few tries I resigned myself. Prison was the only chance I had of three meals a day and a decent bed.” (MUDROOROO, 1965, p. 43).

O autor expressa claramente que, independentemente da capacidade intelectual de um aborígene, aos olhos da sociedade branca australiana, ele sempre será visto como inferior e incapaz, tendo restritas as suas oportunidades, sobrando-lhe como alternativa de vida apenas a marginalização.

Gato Selvagem, ao final de sua conversa com June, sente uma mistura de ódio e desejo, entretanto decide seguir em frente e ir ao encontro da sua velha gangue de delinquentes. O reencontro no bar é festivo; os clientes, o garçom e as prostitutas são todos familiares, já que as idas e vindas da prisão afastaram-no de seu único laço familiar, a mãe.

A mãe de Gato Selvagem aparece pela primeira vez no romance numa cena em forma de *flashback*. O rapaz lembra que estava tendo um pesadelo, no qual era um gato selvagem que estava caindo em um abismo. Ele possuía asas de corvo, mas não conseguia voar. Esse sonho recorrente, que inclusive o acompanhará por toda obra, é interrompido momentos antes do gato selvagem de asas encontrar-se com o chão.

...Falling, falling. Plunging and twisting out of the sky and the hard ground rising up.

“Mum!”... (MUDROOROO, 1965, p. 8).

Ao ficar viúva, a mãe de Gato Selvagem nega a sua aboriginalidade para poder receber a pensão do marido branco e afasta seus filhos de tudo o que era relacionado à cultura aborígene. Entretanto, o dinheiro era pouco, e ela não consegue sustento para todos eles e, com exceção de Gato Selvagem, são todos levados para abrigos. A mãe, então, redobra os

cuidados com o único filho que lhe resta. E podemos verificar na obra quão afetuosa ela era, contudo, esse afeto não foi capaz de livrá-lo dos pequenos furtos ao comércio local e à igreja:

“I’ve come about the boy.”

“He’s done nothing. He’s a good boy.”

“There’s been a breaking and entering job in town, and I’ve reason to suspect your son is the culprit.” [...]

The last day of freedom. Mum and I are standing besides the policeman on the station platform and I crying as the clock ticks the minutes away. At last the train comes in.

“Never mind, son. Everything will come out all right.”

I sob and cling to her. Nothing will ever be all right now. I have been tried and found guilty. And I am already nine years old... (MUDROOROO, 1965, pp. 50-53).

Após essa primeira detenção, Gato Selvagem se distancia de sua mãe e se conecta com a vida de pequenos furtos. No reformatório e posteriormente na prisão, entra em contato com pessoas que passaram por situações de exclusão semelhantes a sua, o que fortalece nele a certeza de que a marginalização é o único caminho disponível e que o mundo da cultura hegemônica branca, mesmo ele lutando contra, sempre o empurra para a periferia, usurpando seus direitos e o deixando incapacitado.

Sufocado e desiludido com o mundo que o rodeia, ao cometer mais um furto, dispara contra um policial e foge da polícia. Percebe toda a dominação branca e o quão tolo ele foi ao se deixar levar por ela. Decide ir ao encontro de sua mãe e descobre que ela está muito doente e que retornou para junto de seu grupo aborígine:

“It’s me again, Mum. Your son.” She opens the door. “Got some pennies for you. Don’t know how much. You can change them for silver if you like.”

“Thanks, son. Always have a need for a few pennies. They do nicely for the gás”. [...]

I look at her. “You sick or something?” I ask.

“I’ve been in hospital”, she says, “but I’m better now.”...

“I have to go now, Mum. Got an appointment with a chick. See you again some time, Mum.”

That means never... (MUDROOROO, 1965, pp. 114-115)

Gato Selvagem, desiludido e desanimado, se esconde na mata, a mesma que na infância sua mãe o proibia de entrar e de conversar com os estranhos que lá habitavam. Cansado, ao adormecer, tem o mesmo sonho que o persegue desde criança, no qual assume a forma de um gato selvagem com asas de corvo caindo em direção ao abismo. Acorda antes de

cair no chão e encontra um velho ancião, que lhe diz que ele não teve um pesadelo, mas sim uma música que é passada de gerações em gerações.

“I have a dream,” I say, “but I don’t remember when I wake up. A sort of falling dream.” [...]

“Belong dreaming time,” he says. “That cat want to live a long time like the old crow. ‘How you don’t die?’ he asks. ‘I fly up high, high up to the moon. I get young up there, then come down.’ That cat look sorry then. ‘I got no wings.’ Then the old crow laugh carr carr. ‘You don’t need no wings. You can fly all right. You try now.’ See?”

The old voice trails on, but now I have remembered the dream. It has been in some secret part of my mind to which he has given me the key. (MUDROOROO, 1965, p. 126-127).

O sonhar da personagem principal é a sua conexão com seus ancestrais. É através do sonho que ele se liga as suas crenças e costumes, ao mito e à magia, que são traços característicos da sua cultura de origem. Mudrooroo, através desse sonho ficcional, representa simbolicamente o desejo do aborígine de se libertar do poder colonial e a necessidade que esse grupo, mandado para a margem da sociedade, seja reinserido nela, mas sem se esquecer de seus traços característicos.

Ao conectar-se com a sua real identidade, Gato Selvagem é pela primeira vez nomeado:

“Jessie Duggan’s boy,” He says, like talking to himself. (MUDROOROO, 1965, p. 121)

A partir deste momento, Jessie Duggan não está mais só como em todo o decorrer da obra, ele agora pertence a uma comunidade que lhe dá não apenas laços de parentesco, mas também de tradição.

### **Considerações finais**

Mudrooroo, ao apresentar esse livro à sociedade australiana, inicia um importante trabalho em seu país, o de reconhecimento da cultura dos grupos aborígenes como parte integrante da comunidade, servindo também como modelo para os diversos grupos oprimidos pela ação do poder colonial.

No romance, o leitor pode constatar as dificuldades de um aborígine em se enquadrar na sociedade australiana branca, bem como a sua reintegração após a prisão. A dificuldade de

conseguir emprego devido ao preconceito étnico e racial é apontada pelo autor como uns dos fatores para o jovem seguir na criminalidade.

O autor constantemente apresenta-nos um paralelo entre o branco e o aborígine. A imposição do primeiro sobre o segundo é vista em várias partes, como, por exemplo, na intervenção das autoridades nas famílias aborígenes ou da não aceitação de suas origens por parte da mãe de Gato Selvagem para poder receber a pensão do falecido marido branco.

Ao final do romance, é dado ao protagonista o sentimento de esperança. A reconexão com as suas raízes culturais faz dele agora um membro da comunidade, algo que ele nunca havia sentido na sociedade branca. O autor deixa claro que, apesar dos erros cometidos, Gato Selvagem agora terá forças para enfrentar as adversidades, assim como o que ocorreu em muitos países que sofreram por anos a fio as imposições e restrições dos impérios europeus e que, ao buscar a sua independência e se reconectar com as suas culturas e tradições, também tiveram forças para enfrentar todos os problemas decorrentes da colonização.

## **Referências**

- ASCHROFT, Bill; GRIFFITH, Gareth, TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. Routledge, 1989.
- MUDROOROO. **Wild Cat Falling**. Sidney: A&R Classic, 2001.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.